



TEMPERATURA MÁXIMA EM GRAMADO: ‘ANTÁRTIDA’

Thriller sob a neve **produzido pelos Estúdios Globo** abre o mais **popular dos festivais do país**, que chega à sua 54ª edição renovado, depois de **recentes consagrações de cults gestados fora do eixo RJ-SP**, numa celebração da diversidade – Páginas 2 e 3



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

O ráculos meteorológicos garantem que, ao longo desta sexta-feira, Gramado, no Rio Grande do Sul, registrará uma temperatura mínima de 12°C, com máxima de 15°C. O dia terá variação de nuvens, com possibilidade de chuvas fracas e isoladas, mantendo o clima típico e ameno de inverno daquela região. Isso até “Antártida” começar no Palácio dos Festivais.

Aí haverá neve. E mais: segundo o prognóstico da equipe curatorial da maratona cinematográfica anual da Serra Gaúcha – a competição cinéfila mais popular deste país –, pancadas de tensão hão de sacudir a plateia inaugural do que se apresenta como a produção em longa metragem mais audaciosa dos Estúdios Globo. Escrito por Claudia Jouvín

Brasileiros serão sempre brasileiros...



Fabio Rocha/TV Globo

Lázaro Ramos, que estará na competição pelo Kikito com Feito Pipa, interpreta Vicente em Antártida

diversidade de tipos se abre para um signo de empoderamento: a subcomandante Elisabeth

Na Estação Comandante Diniz, na Antártida, a cientista Inês (Marina Ruy Barbosa) é vítima de um crime brutal. Isolados pelo frio extremo e sem possibilidade de resgate imediato, todos os homens da base se tornam suspeitos – inclusive as patentes mais altas, Comandante Barros (Antonio Calloni) e o Capitão Vicente (Lázaro Ramos). Elisabeth (Andrea) assume ali a difícil missão de investigar o ocorrido, enquanto as demais mulheres da estação – Inês, Marina (Leandra Leal) e Rose (Mariana Sena) – se sentem acudadas e precisam se unir para enfrentar o medo, o silêncio e a violência.

“A ideia do filme partiu da notícia sobre o incêndio na estação brasileira em 2012”, diz Claudia Jouvín, roteirista do longa e também cineasta, com passagem prévia por Gramado na edição de 2015, quando disputou o Kikito, o troféu local com “Um Homem Só”, comédia romântica com um quê de sci-fi. “Fiquei me perguntando como o acidente se deu e como os brasileiros lidaram com isso. A partir daí, peguei a ideia de que brasileiros, sempre serão brasileiros em qualquer lugar do mundo (até no lugar mais extremo do planeta) e resolvi contar

...até no lugar mais extremo do planeta

Autora de ‘Antártida’ idealizou um microcosmos da nação ao escrever o filme que inaugura a maratona cinéfila mais popular do país

e dirigido por Bruno Safadi, esse thriller se passa nos confins gelados da Terras, mas suas locações são cariocas da gema.

Escolhido para abrir a 54ª edição do Festival de Gramado, que vai de 14 a 22 de agosto, esse suspense foi filmado em um espaço estimado em 1.500 m², localizado no Rio de Janeiro, que conta com câmeras autotracking de alta precisão, recursos de Inteligência Artificial e Realidade Aumentada e cerca de 300 m² de telas de LED, o que permitiu imersão na paisagem congelante – mesmo no calor carioca. A produção possibilitou a união do mundo real e do virtual de forma fluida, utilizando, além da tecnologia, imagens captadas na Patagônia através de câmeras 360 e cenários físicos. Sua passagem pelas telas gramadenses, um mês antes de seu lançamento comercial (agendado para 17 de setembro), coincide com o tributo a uma de suas estrelas: Andrea Beltrão. Ela receberá o troféu Oscarito, uma honraria destinada a intérpretes que contagiaram Brasis com sua graça e versatilidade. Em “Antártida”, sua



Fabio Rocha/TV Globo

Escalada para receber o troféu Oscarito, a honraria máxima de Gramado, Andrea Beltrão é uma das estrelas de Antártida, thriller que abre o festival gaúcho, nesta sexta

LONGAS-METRAGENS BRASILEIROS EM COMPETIÇÃO:

DOCUMENTÁRIOS

“O Projeto” (SP), de Sabrina Fidalgo e Yan Rodic

“Gonzaguinha, Da Maior Liberdade” (RJ), de Susanna Lira

“Afrontosa” (SP), de Coraci Ruiz e Julio Matos

“Empeleitada” (PE), de Micaele Xukuru, Chico Ludermitir e Sergio Borges

FIÇÕES

“Chorão: Só os Loucos Sabem” (SP), de Hugo Prata e Felipe Novaes

“Feito Pipa” (CE), de Allan Deberton

“Justino - Nos Bastidores do Reino” (DF), de José Eduardo Belmonte

“Leite em Pó” (MG/SP/RN), de Carlos Segundo

“Nosso Segredo” (MG), de Grace Passô

“Pele de Rinoceronte” (RJ), de Marcello Ludwig Maia

essa história de confinamento usando a estação como um microcosmos do Brasil. O Bruno Safadi é um cineasta que usou seu cinema, muitas vezes com baixo orçamento, para falar de relações humanas e isso foi fundamental para meu roteiro que, apesar de ser uma super produção é absolutamente focado no conflito entre esses personagens”.

A partir da projeção de “Antártida”, começa a competição pelos já citado Kikito, prêmio que foi idealizado em referência ao sorridente Deus Sol dos pampas. O júri das seis ficções será composto pelas atrizes Cris Vianna e Helena Ranaldi; pelo cineasta Fabio Meira; pela curadora, pesquisadora e professora Kênia Freitas e pelo ator Marcelo Serrado. Os quatro longas da leva documental serão julgados pela diretora e atriz Bárbara Paz; o ator Caco Ciocler; e o produtor, compositor e fotógrafo Paulo Mendonça. O longa de encerramento será “La Perra”, produção Chile x Brasil, dirigida por Dominga Sotomayor, com Selton Mello, que receberá o Kikito de Cristal em duo com Maria Fernanda Cândido.

ENTREVISTA | BRUNO SAFADI

CINEASTA

RODRIGO FONSECA Especial
para o Correio da Manhã

Primero diretor brasileiro a vencer a competição Aurora, a menina dos olhos da Mostra de Tiradentes (MG), que encantou, 18 anos atrás, com “Meu Nome É Dindi”, Bruno Safadi vive no equilíbrio fino entre os extremos mais longínquos da produção audiovisual deste país: trabalha na Globo, em novelas em séries, sem perder laços com o cinema nacional de invenção. Brilha na audiência de folhetins popularíssimos ao mesmo tempo que se arrisca em investigações de linguagem para as telonas como “Sofá” (achado do Festival de Turim de 2019) e “O Prefeito” (a mais delirante atração de Locarno, em 2015). É ainda parte essencial da trupe de Julio Bressane em sua filmografia de investigações, trabalhando como seu assistente e como seu produtor. Ao ser convidado para abrir Gramado, sobretudo com uma superprodução que pode dividir águas na relação do Plim-Plim com a indústria cinematográfica, como é o caso de “Antártida”, Safadi galga novos trilhos. Nesta entrevista, ele cartografa seu caminho até a Serra Gaúcha.

Que experimento narrativo se espera de “Antártida”, na linha narrativa do teu cinema, que se destaca por investigar espaços, com eixo em distâncias físicas e temporais, vide a zona mais central do Rio de Janeiro de “Meu Nome É Dindi” e a (extinta) Perimetral de “O Prefeito”?

Bruno Safadi: “Antártida” é um filme em que a paisagem está presente desde o título. Antártica é o continente mítico, sonhado há muito tempo pelo homem conquistador, pelo militar e pelo cientista. É também um lugar almejado por tantas nações, que querem um quinhão para chamar de seu. Por último, é local de curiosidade para qualquer habitante do planeta. “Antártida” narra a história de Inês, uma pesquisadora jovem que conquista a oportunidade de passar a temporada de inverno de 2012 na estação de pesquisa brasileira em território antártico. Inês chega para realizar seu sonho. Vê aquele lugar como o paraíso. Contudo, todo o paraíso tem seu inferno. Em sua primeira noite na estação, Inês sofre violência por um companheiro de trabalho. Ela não sabe quem foi o culpado. Junto ao evento, a natureza se re-

‘Todo o paraíso tem seu inferno’



TV Globo

“A falta de energia trouxe lugares sombrios para a imagem do filme, o branco total da neve do lado de fora criou o desconhecido, o que assusta”

volta, o tempo fecha e o inverno mais frio em décadas toma conta do local. O gerador que fornece calor para a estação está com problemas. Todos ficam confinados e com um criminoso no grupo. A estação e a natureza ao redor tornam-se personagens de filme de terror. Tudo fica amedrontador, inclusive a natureza humana. Eu me utilizei de todos esses elementos para construir narrativamente esse ambiente de medo. A falta de energia trouxe lugares sombrios para a imagem do filme, o branco total da neve do lado de fora criou o desconhecido, o que assusta. Foram muitos os elementos de cinema que utilizei para contar Antártida. Um prato cheio.

De que maneira a sua conexão com a TV, na direção, amadureceu a sua relação com o plano na

telona?

Estou há dez anos dirigindo nos Estúdios Globo. Lá eu pude fazer cinco séries (“Aruanas”, “Verdades Secretas 2”, “A Vida Pela Frente”, “Reencarne” e “Jogada de Risco”), três novelas (“Liberdade, Liberdade”, “Novo Mundo” e “Órfãos da Terra”) e dois filmes de longa-metragem, que são o “Vítimas do Dia” e, agora, “Antártida”. São dez projetos em 10 anos. Só projetos de excelência. Em todos, estive conceituando, pré-produzindo, filmando, editando, finalizando e lançando. É uma super experiência, uma universidade prática completa. Estar todos os dias em ação, em projetos tão diferentes entre si, traz musculatura, experiência, visão de gestão, e sobretudo, criação. Pude me desenvolver muito como realizador nesse período. E ainda estou bastante novo, tenho saúde e vontade

de realizar muitos sonhos, tanto nos estúdios quanto nos filmes autorais.

A que “Antártida” a roteirista Claudia Jouvin te levou?

A Claudia Jouvin trouxe um projeto muito maduro, criativo, extremamente contemporâneo - tanto no tema quanto na linguagem - e relevante. O filme trata da violência de gênero nos mais diversos níveis. Do crime às micro violências do dia a dia. Ela colocou o Brasil na neve, na Antártica, e mostra que a violência está dentro do homem, não importa onde ele esteja. Claudia foi grande parceira durante todo o processo. Uma amiga leal e fundamental para a realização do filme. “Antártida” era um filme desafiante e sem nossa troca, ele seria muito mais difícil.

Como foi trabalhar com uma dramaturgia que tem argumento de Cauã Reymond em “Jogada de Risco”?

“Jogada de Risco” foi um grande presente que veio praticamente junto com o “Antártida”. Eu me envolvi com a série imediatamente. Amei o projeto. Eu adoro futebol. E as pessoas envolvidas são talentos que admiro há muito tempo: Lucas Paraizo, Cauã Reymond, Thiago Dottori, Isabela Bellenzani. Vi de cara que havia potencial para fazer algo extremamente popular e que fosse sofisticado na linguagem. Um sonho. O Cauã é um cara extremamente criativo, com grandes ideias, e com muita vontade de realizar. Se mostrou uma pessoa com uma escuta maravilhosa, muito respeitosa durante todo o processo, não apenas comigo, mas com toda a equipe, e um grande viabilizador do projeto. Cauã é estrela e o público quer vê-lo na frente da tela e agora por trás, como criador.

Ano que vem, “Dindi” faz 20 anos. O que aquela Aurora representou para a sua carreira? Que filmes estão por vir?

Sim, “Meu Nome é Dindi” completará 20 anos. Que loucura! O tempo voa. Vencer a Mostra Aurora do Festival de Tiradentes, naquele período em que uma nova geração de realizadores estava despontando, foi uma abertura de portas. Naquele mesmo momento, eu estava lançando o “Dindi”, filmando “Belair”, escrevendo “Éden”. Eu era ainda muito jovem, muito menino, muito apaixonado por cinema brasileiro, e com vontade de conhecer o mundo através do cinema. E com aquele prêmio, muitas portas se abriram. Pude fazer onze longas-metragens como diretor, passar meus filmes seguidamente nos grandes festivais de cinema europeus, produzir outros tantos filmes de realizadores como Julio Bressane, Rodrigo Lima e Ricardo Pretti. Eu só tenho a agradecer. Vou filmar agora, em três semanas, um novo longa-metragem chamado “Uma Tarde Na Serra Do Cipó”. Será um presente para meu filho Inácio, de 13 anos de idade, e uma homenagem para sua mãe, Luísa Horta, falecida há três anos. O filme é uma viagem de carro do Rio de Janeiro para Minas Gerais, feito por mim e Inácio, em busca de uma carta que Luísa deixou para o jovem, na serra do cipó. Jaffar Bambirra, Camila Botelho, Inácio e eu, seremos os atores do filme, que tem uma coprodução entre a TB Produções, Quarta-feira Filmes e Canal Brasil.



A família Platt vai tentar sobreviver aos lagartos pré-históricos; Ewan McGregor e Anne Hathaway foram “pais” para os mais jovens, dentro e fora das filmagens

Ewan McGregor, um “guia jurássico” para a nova geração



Em “O Fim da Rua”, uma família dos anos 80 enfrenta diferentes espécies de dinossauros na rua de casa

PEDRO SOBREIRO

Grande estreia da semana, “O Fim da Rua” leva dinossauros a um bairro de classe média dos EUA nos anos 80. A trama gira em torno da família Platt, que enfrenta problemas de relacionamento, quando o mundo que conhecem vira de ponta-cabeça de uma hora para outra ao descobrirem que dinossauros de verdade invadiram o bairro. Protagonizado por Ewan McGregor e Anne Hathaway, o longa é a aposta da Warner Bros. para a ficção nesta janela de lançamentos. E muito dessa confiança no projeto se dá pela química de McGregor com

McGregor fala sobre parceria com Anne Hathaway para trabalhar com elenco jovem em “O Fim da Rua”

Hathaway. Ao Correio da Manhã, o ator revelou como foi trabalhar com a vencedora do Oscar neste projeto tão inusitado, que exigiu muito da parte física da dupla.

“Annie [Hathaway] e eu tínhamos corridas bem longas para fazer — por jardins, ruas, pulando cercas, atropelando os quintais das frentes das pessoas, e eles não são planos, então tivemos que tomar muito cuidado para não colocar o tornozelo em um buraco. Mas nos divertimos muito fazendo isso, inclusive lutar com os dinossauros”, disse.

Ele também falou sobre traba-

lhar com um elenco muito jovem, que interpreta os filhos do casal. Christian Convery dá vida a Brian, caçula da família, e Maisy Stella interpreta Audrey, a filha mais velha do casal, que sonha em ser astrônoma. Para Ewan McGregor, o filme funciona justamente porque o elenco formou uma família nos sets.

“Foi uma alegria trabalhar com a família em si — Annie, Christian e Maisy... Eu adorei! Por mais que a ação com os dinossauros seja incrível e insana, acho que se não tivesse uma família que fosse crível no centro da história, com quem

você realmente se importasse, os dinossauros não fariam tanta diferença assim. E ter a sorte de trabalhar com esses atores tão talentosos me deixa muito feliz”, comentou McGregor.

O protagonista também compartilhou que trabalhar com essa molecada rendeu uma experiência paternal autêntica.

“[Trabalhar com] as crianças me fez sentir muito paternal com elas. Em parte como pai, mas também como um ator mais velho que está trabalhando com dois atores novos, ótimos. Maisy [Stella] é uma

atriz incrível, muito fiel em tudo que faz, tanto com o que diz como com o que faz em cena, e dá para ver que isso é importante para ela. Christian [Convery] é mais novo, ele tinha 13 anos e, claro, é menino. Eu tenho quatro filhas, então com a Maisy eu estava totalmente à vontade, porque estou mais familiarizado com ser pai de meninas. Tenho um filho que tinha apenas quatro anos na época, e ali estava Christian, um menino de 13 anos, e eu simplesmente gostava de estar perto dele porque essa energia de ‘pai de menino’ era inédita para mim. Não sabia sobre todas as coisas que ele queria falar, mas eram tão engraçadas e interessantes. Ele é um garoto muito inteligente e um ótimo ator”, revelou Ewan McGregor.

Dinossauros

tomam conta de um bairro americano dos anos 80

Recriar a atmosfera oitentista foi desafiador, mas fundamental para o filme funcionar

PEDRO SOBREIRO

“O Fim da Rua” tem grande inspiração nas obras e legado de Steven Spielberg, que eternizou no cinema clássicos como “E.T. - O Extraterrestre” (1982) e “Jurassic Park: O Parque dos Dinossauros” (1993). O longa, inclusive, parece muito uma fusão das duas obras. No entanto, houve um trabalho muito interessante do diretor, David Robert Mitchell, para criar sua própria versão dos dinossauros em vez de tentar replicar o visual dos répteis de Spielberg, que viraram a referência máxima no tema.

Para essa ficção, os dinossauros são todos do período jurássico, enquanto as obras de Spielberg se concentraram mais nas espécies do cretáceo. Então, não espere ver um T-Rex ou os temíveis Velociraptos correndo por aí. Em “O Fim da Rua”, as grandes ameaças são o Alosauro e o icônico Espinossauro, com sua famosa barbatana dorsal.

E uma grande novidade é que parte da flora jurássica também participa da história, criando momentos de muitas reviravoltas e tensões. E muito deste cenário exótico foi realmente construído, apelando o mínimo possível para a computação gráfica, e investindo em cenários reais.

Para Ewan McGregor, isso fez toda a diferença.

“Um dos meus momentos favoritos foi chegar ao estúdio. Nós filmamos no Electric Owl Studios em Atlanta. Lembro de entrar pela porta e ver os cenários. Eu adoro cenários em estúdios, é meio que a fantasia de criança de ser ator, sabe? Então, quando você vê o exterior de um cenário, é empolgante demais!”, afirmou.

De volta aos anos 80

Mais do que a fauna e a flora, “O Fim da Rua” se empenhou em recriar com fidelidade máxima a atmosfera dos anos 1980, com uma caracterização meticulosa do bairro.



Warner Bros. Pictures

A busca pela sobrevivência é intensificada pela geografia de um tradicional bairro do Meio-Oeste americano dos anos 1980



Warner Bros. Pictures



Daniel McFadden

Dinossauros do período jurássico atacam os vizinhos e parentes com muita brutalidade

Equipe de produção pensou em cada casa de forma individual, adicionando elementos para dar um clima familiar aos cenários

Ao longo da trama, a família Platt passa por diversas casas e carros. E casa ambiente foi desenvolvido com muitos detalhes pelo time de produção.

A designer de produção Maya Shimoguchi e a decoradora de cenários Missy Parker trabalharam para criar cada casa como as famílias vivessem nelas há gerações. Cada cômodo traz objetos meticulosamente escolhidos, como fotografias, livros e lembranças que refletiam décadas de vida cotidiana, criando um bairro que parecia familiar, genuinamente vívido, e não apenas um set decorado para um filme.

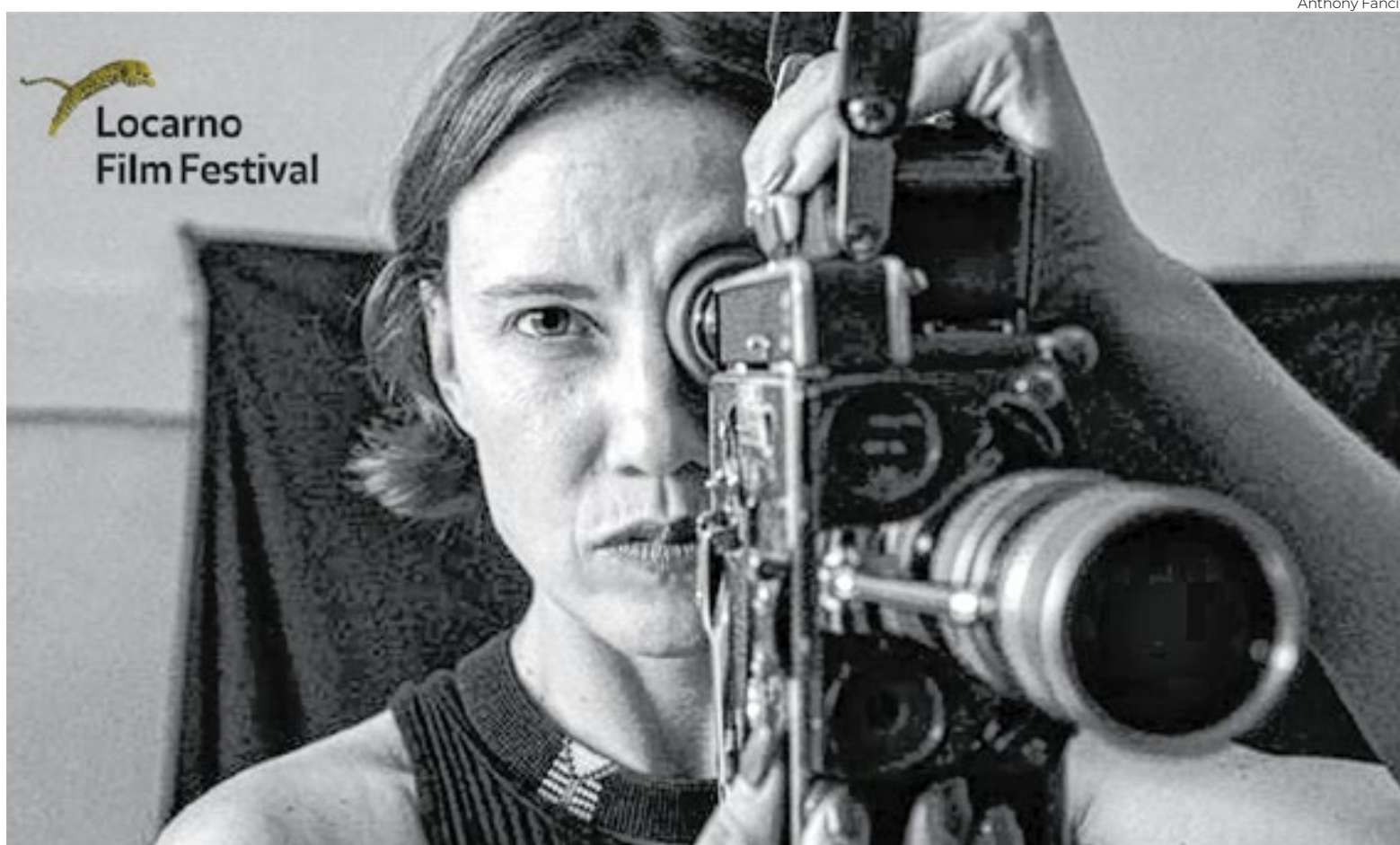
Segundo Ewan McGregor, o trabalho da dupla foi tão impecável que ele interpretou Greg Platt tendo a vizinhança como um personagem vivo para interação.

“Eu entrei nessa casa e foi como entrar em uma casa dos anos 80 de verdade. Eram muitos detalhes! Cada adereço, cada ímã na geladeira, cada objeto nas prateleiras tinha um significado. Para qualquer lado que você olhasse, tudo era real. Você subia uma escada com carpete para os quartos das crianças, e cada detalhe era brilhante. Foi incrível estar naquele ambiente construído por essa equipe talentosa, e também nas locações. Todo aquele bairro, a rua tão grande e longa onde filmamos, existia. Isso realmente nos deu outro personagem, o bairro. O bairro voltou no tempo com a gente”, disse o ator ao Correio da Manhã.

Realizadora de poemas visuais em forma de filme, a brasileira Ana Vaz leva a Locarno uma mirada sobre o Japão, sem vias antropológicas, de eixo transcendental, chamada 'Hanabi'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã



Anthony Fancin

A realizadora brasileira Ana Vaz leva ousadia para as telas suíças

Micropolítica da catástrofe em pétalas

Brota uma nova ousadia brasileira nas telas de Locarno, agora com nome de flor... uma flor de fogo... ou melhor, "Hanabi". Esse é o nome do novo ensaio em forma de longa-metragem de Ana Vaz, artista visual e cineasta conhecida por experimentos como "É Noite na América", de 2022, e "Apiyemiyeki?", de 2019. Nasce de uma imersão em terras nipônicas.

Trata-se de um poema com imagens em movimento, definido como "uma história sobre a radioatividade". Rodado no Japão ao longo de dez anos, a produção observa um país submetido a uma ameaça mortal, sob o trauma de um terremoto e as instabilidades oriundas a uma catástrofe nuclear. A vida continua apesar das angústias. Tóquio segue expandindo seus limites; novos solos substituem as terras irradiadas; ilhas surgem no Oceano Pacífico; trabalhadores, cidadãos, engenheiros, agricultores e religiosos empenham-se, cada qual ao seu modo, em domar o pânico de suas comunidades.

Atravessando essa constelação de testemunhos e experiências, há um livro diário, "Journal of a Radioactive Brain", da escritora Yoko Hasuke. Suas páginas nasceram na esteira do tsunami e do desastre atômico que se seguiu ao terremoto de Tohoku — e do qual Ana Vaz parte para uma livre inspiração, em colaboração com a autora.

"As imagens não capturam, não extraem, não aprisionam, elas buscam 'fazer corpo', ou seja, a câmera não é nada mais do que um ampli-

ficador de presenças", explica Ana, por email, ao Correio da Manhã, ao explicar sua dinâmica de trabalho. "O encontro com Yoko Hayasuke, ainda nos primeiros anos da fabricação do filme, foi transformador. Não apenas pela dimensão literária e política de seu texto, mas também pela maneira como Yoko encara o desastre a partir do corpo que treme, vibra, sente, intui e teme. A prosa de Yoko narra a experiência micropolítica da catástrofe, ao mesmo tempo cotidiana e metafísica,

íntima e coletiva.

Segundo a cineasta, sua crônica começa com o grande terremoto de Tohoku e o desastre nuclear subsequente, mas leva a plateia uma reflexão profunda sobre a composição molecular da existência, a violência patriarcal contra as mulheres, a reprodução da vida, as manifestações de insurgência — também chamadas de loucura —, a violência psiquiátrica e as diversas formas de alienação impostas pelo capitalismo tardio.

"Hayasuke politiza o medo e a hipocondria com grande irreverência, como sintomas de corpos que resistem à normalização das diversas violências impostas pelo sistema", explica Ana. "É um texto sem imagens definidas, mas abundante em conceitos polisêmicos, que nos levam a pensar, sentir e ouvir os lugares, os seres, os corpos e os elementos".

Haverá um par de sessões de "Hanabi" em Locarno, na tarde desta quinta e na manhã de sexta.

O imparável Hong Sangsoo

Sábado será o desfecho de Locarno, com a premiação anunciada no início da tarde da Suíça, ali pelas 9h do Brasil, que concorre ao Leopardo de Ouro com o thriller queer "A Margem do Rio", de Enock Carvalho e Matheus Farias, frente a uma leva de experimentos existencialistas sobre identidade e responsabilidade. Os dois temas, que pautaram todo o festival, dão as mãos num dos mais esperados competidores deste ano: o sul-coreano "Nowhere to Lay My

Eyes" (cujo título original é "Nun Dul Dega Eomne"). Seu realizador goza do status de mestre e da fama de ser gente que faz (e muito): Hong Sangsoo, o diretor mais prolífico do planeta. Anualmente, ele lança dois longas. Em fevereiro, exibiu "The Day She Returns" ("Geunyeoga doraon nal"), na mostra Panorama da Berlinale, na Alemanha. Agora é a vez de encantar a Suíça.

"Eu filmo situações do dia a dia que são simples, o que me leva a



@Jeonwonsa Film

Kim Minhee, musa de Hong Sangsoo, vive Sanghee num longa rodado em seis dias

rodar com rapidez. Não preciso de efeitos especiais. Eu mesmo opero a câmera. Só preciso de alguém para captar o som para nós. Com isso, meu orçamento é pequeno. A montagem fica por minha conta também. Nem saberia precisar quanto a gente gasta por filme, mas é pouco", disse Sangsoo ao CORREIO DA MANHÃ no lançamento de "O Que A Natureza Te Conta", na Berlinale de 2025.

Seu novo trabalho inventaria angústias. Em "Nowhere to Lay

My Eyes", Sanghee visita a mãe na ilha de Jeju. O restaurante dessa delicada senhora tornou-se um sucesso. Em meio à rotina movimentada do estabelecimento, o padrao de Sanghee está fazendo um filme sobre uma sepultura de grama. Fatos até então desconhecidos, conselhos desnecessários e elogios baratos são trocados entre eles. Na manhã de sua partida, os outros integrantes da família se confrontam com os registros que a protagonista faz da Coreia a seu redor. (R.F.)

Copa fica bacana

com rock, frevo e violino

MARCELO PERILLIER

A costumada com o som frenético do pop, do rock e do samba, Copacabana terá um ritmo diferente neste fim de semana. Mais suave, fino e leve, como a brisa do mar, relembrando os tempos de bossa nova.

Nos dias 14 e 15, sexta-feira e sábado, as areias serão tomadas pela Orquestra Ouro Preto, que fará dois shows com Samuel Rosa, ex-Skank, e o queridinho aventureiro da trupe, Alceu Valença. Dois dias mágicos para quem deseja curtir um pouco a noite carioca ao som do mar, numa das paisagens mais cativantes da capital fluminense.

Na sexta-feira (14), a orquestra sobe ao palco às 19h30, para tocar músicas das lendas do rock nacional, dando um aperitivo do que virá depois, às 20h30, programado, com Smauel Rosa. Sucessos como “Dois Rios”, “Ainda Gosto Dela”, “Te Ver”, “Balada do Amor Inabalável”; “Acima do Sol”, “Canção Noturna”, “Tarde Vazia”, “Vamos Fugir”, “Vou Deixar” e “Lourinha Bombril” estarão no setlist.

No sábado (15), também às 19h30, a orquestra fará uma grande homenagem a Luiz Gonzaga, para dar um toque nordestino ao palco, antes de Alceu Valença pisar nele, em torno das 20h30, para fazer o povo pular no frevo de Pernambuco. “La Belle de Jour”, “Anunciação”, “Tropicana”, “Girassol”, “Como Dois Ani-

mais”, “Dia Branco”, “Taxi Lunar” não poderão faltar nesta festa.



O maestro Rodrigo Toffolo com Alceu Valença e Samuel Rosa, num fim de semana que promete marcar a história da praia

Sobre o evento

O evento se tornou um dos momentos mais esperados da temporada, pelo fato de ser num espaço sem regras, sem convite, sem cerimônia, unido várias tribos, homens, mulheres, crianças, jovens, LGBTQIA+, negros, brancos, mulatos, mamelucos caboclos e cafuzos.

“O Orquestra Ouro Preto Vale Festival é uma iniciativa que demo-

cratiza o acesso à música de concerto e promove a circulação da cultura para diferentes públicos, fortalecendo o desenvolvimento de territórios e a economia criativa. A Orquestra Ouro Preto é também parceira do nosso programa de formação musical Vale Música, uma iniciativa que amplia os horizontes de crianças e jovens ao mostrar como a música tem o potencial de transformar vidas”, afirma Mariana Luz, diretora de Investimento Social Privado e Cultura da Vale.

O maestro Rodrigo Toffolo, regente titular e diretor artístico da Orquestra Ouro Preto, projeta unir aqueles que gostam da música clássica, com o povo que simplesmente aproveita a noite para passear e curtir a brisa do mar.

“Copacabana é um lugar muito especial para a Orquestra. Existe uma beleza enorme em perceber que a música chega às pessoas de forma completamente espontânea. Quem veio para caminhar, parar um instante ou simplesmente olhar

o mar acaba sendo convidado a viver um concerto. Este ano, temos a alegria de apresentar dois momentos muito interessantes: um olha para a trajetória que construímos e o outro aponta para os caminhos que ainda queremos percorrer”, imagina o maestro.

O Orquestra Ouro Preto Vale Festival celebra uma parceria amadurecida ao longo de mais de uma década com Alceu e floresce outra que nasce diante do público, ao lado de Samuel Rosa.

CRÍTICA DISCO | BALAIOS

POR AQUILES RIQUE REIS*

Hoje vamos de Balaio (AAM), álbum de Antonio Adolfo, um cara por quem tenho grande admiração. Sua trajetória de 80 anos de vida é digna de um desbravador de harmonias e melodias. Ele é também um pioneiro no mercado musical: sua perspicácia o levou a abrir um novo caminho para músicos, compositores, instrumentistas e seus trabalhos, ao demonstrar as delícias e as desditas da até então insípida “produção independente”. Não bastasse sua distinção como pianista, compositor e arranjador, que através do Centro Musical que leva o seu nome, Antonio Adolfo tornou-se educador!

Há tempos, Antonio compôs uma série de músicas com Tibério Gaspar que se tornaram clássicas, dentre elas “Sá Marina”, “Teletema” e “BR-3” – esta última, vencedora da fase nacional do 5o Festival Internacional da Canção (1970) na voz

de Tony Tornado, além do Trio Ternura e do Quarteto Osmar Milito.

Por falar em Tibério Gaspar, e por também vê-lo como um baita compositor, hoje me atarei às composições dele com Antonio, gravadas em Balaio.

“Claudia” (Antonio Adolfo e Tibério Gaspar), uma bossa nova típica dos anos 1960, rola bonita como uma manhã primaveril. Após os solos do piano de Antonio e do flugelhorn de Jessé Sadoc, a guitarra do norte-americano Thom Rotella vem ao proscênio. O violão de Lula Galvão e o baixo acústico de Jorge Helder, ajuntados ao piano, puxam o arranjo.



Divulgação

Composta em 1967, “Journey To The Interior” – “Caminhada” (Antonio Adolfo e Tibério Gaspar) é um baião retado que flui por harmonias jazzísticas sofisticadas. No festival de solos em Balaio, logo é a vez da flauta de Marcelo Martins e

do trompete de Jessé Sadoc.

“Vision” – “Visão” (Antonio Adolfo e Tibério Gaspar), criada em 1968, é uma balada embalada pelo naipe de sopros que tem Marcelo Martins na flauta contralto, Jesse Sadoc no trompete, Danilo Sinna no saxofone alto, cujo solo coube ao trombone de Rafael Rocha trombone, e o improviso ao piano de AA.

“My Chant” – “Meu Canto” (Antonio Adolfo e Tibério Gaspar) – valsa com elementos jazzísticos, tocada por Antonio ao piano e pelo convidado especial Leo Gandelman no sax alto – esta é a última composição de Antonio com Tibério, antes do falecimento de Tiba.

Essas quatro músicas revelam a beleza de uma parceria que resultou num repertório de qualidade insofismável. Parceiros de uma vida toda, Tibério e Antonio criaram 43 canções já reunidas num songbook. Nada tão merecido.

Agradeço e saúdo os dois e os instrumentistas que se reuniram neste tocante Balaio.

Ficha técnica: Lula Galvão (guitarra e violão), Jorge Helder (baixo acústico), Rafael Barata (bateria e percussão), Jesse Sadoc (trompete e flugelhorn), Danilo Sinna (saxofone alto), Marcelo Martins (saxofone tenor e flauta), Rael Rocha (trombone) e André Siqueira (percussão). Convidados especiais: Leo Gandelman (saxofone) e Thon Rotella (guitarra).

*Vocalista do MPB4 e escritor

SÓ CARIOQUICES



por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Pedro Asbeg, o decifrador da alma das arquibancadas

PEÇO LICENÇA AO LEITOR.

O texto de hoje vem encharcado de rubro-negrismo e não tenho como evitar. Prometo que não é uma crônica sobre o Flamengo. É sobre uma coisa maior, que o Flamengo só ajuda a explicar. Mas o vermelho e o preto vão pingar a partir daqui. Fica o aviso.

Segunda-feira à noite, Botafogo. Sala 2 da Estação Claro Rio, sessão do Cinefoot, festival que há dezesseis anos insiste numa ideia óbvia e mal aproveitada por aqui: futebol dá cinema. Dois filmes de Pedro Asbeg, um atrás do outro.

Primeiro, setenta minutos de “Onde Estiver, Estarei”, que está disponível na HBO. Francisco Moraes e Cláudio Cruz, dois torcedores-craques, atravessando trinta e oito anos entre o Centenário de Montevideu e o Monumental de Lima rumo à reconquista da Libertadores. A coincidência é quase indecente. 23 de novembro de 1981, dois gols de Zico. 23 de novembro de 2019, dois gols de Gabigol. Mesmo dia do calendário, uma vida inteira de espera no meio. Asbeg viu que a história não estava no gramado. Estava nos torcedores, principalmente naqueles dois senhores, que pegaram ônibus, avião, o que fosse, porque tinham combinado de estar lá. A câmera dele quase nunca corre atrás da bola. Fica no rosto de quem olha.

Depois, oito minutos. “O Rubro-Negrismo Racional de Arthur Muhlenberg”. Arthur morreu em abril, aos 62 anos, depois de uma leucemia vencida, um transplante de medula e um pulmão que não aguentou o resto do caminho. Era publicitário de ofício e cronista por vocação. Fez o Urublog, escreveu livros que a Nação decorou, e havia gente como Zico e Gabigol lendo seus textos para saber a temperatura da arquibancada. No curta é a voz dele explicando, com a paciência e a malemolência carioca de quem já explicou aquilo mil vezes, por que alguém é rubro-negro. Asbeg não fez um obituário. Fez um bilhete de um amigo para o outro. Saí da sala



Pedro Asbeg, à direita, com Claudio Cruz

Pedro Asbeg é o cineasta que melhor entende a alma das arquibancadas brasileiras, e das cariocas em especial

com o olho vermelho (e preto). Você pode assistir em <https://shorturl.at/ROELI>

Pedro Asbeg é o cineasta que melhor entende a alma das arquibancadas brasileiras, e das cariocas em especial. Nasceu em Londres, filho de documentarista, e é carioca no ouvido, no olho e na escolha do que ou quem filma. Em “Geraldinos” foi atrás dos que perderam a

Geral do Maracanã e, com ela, o direito de estar. Em “Democracia em Preto e Branco” mostrou que vestíário também podia ser trincheira contra a ditadura. Sempre a mesma tese: o futebol aqui não é um esporte que a cultura adotou a esmo. É parte de como essa cultura se formou. Um país que aprendeu a se narrar aos domingos, em pé ou nas arquibancadas, antes de aprender a se narrar em livros.

Eu disse isso a ele outro dia e repito aqui. Se existe Jorge Ben na música e José Lins do Rego na literatura, existe Pedro Asbeg no cinema. Cada um pelo seu meio, todos afirmando que essa paixão é matéria de arte, não folclore de arquibancada.

O que ele filma ainda está vivo. Mudado, encarecido, cercado, patrocinado, vendido em pacote de streaming. A arquibancada de hoje tem menos gente cantando e mais gente preocupada com os celulares. Mas quem estava naquela sala em Botafogo viu que o troço resiste, e resiste por causa de coisas que

não entram em planilha nenhuma: a promessa de dois amigos, a viagem absurda, o costume de chegar cedo só para ver o estádio encher, o texto de um cronista que morreu e continua explicando. Em resumo, a sociabilidade dos estádios.

O Cinefoot se encerrou na última terça-feira. Pedro continua filmando. E enquanto ele filma, a Geral não acaba. Muda de endereço, só isso. Sai do cimento e entra na tela, o único lugar onde não passa trator, não sobe ingresso e não cabe camarote. Vira a voz do Arthur explicando pela milésima vez por que alguém é rubro-negro. Vira Moraes e Cláudio se abraçando em Lima para cumprir uma promessa feita trinta e oito anos antes, quando nenhum dos dois sabia que teria de esperar tanto.

Esta cidade inventou um jeito de se amar em público, aos gritos, em êxtase. Pedro guarda isso em lata de filme (ou nas nuvens digitais), e não conheço serviço mais generoso que se possa prestar ao Rio de Janeiro e à sua gente.